

A Difusão dos Modelos de Pré-Escolarização na Europa na Primeira Metade do Século XIX

Jean-Nöel Luc¹

Resumo

Entre os anos 1820 e o meio do século, a “infant school” é uma fonte de inspiração difundida na Europa, pois ela traz soluções aos problemas práticos e pedagógicos encontrados pelos fundadores das novas escolas de crianças. Mas muitos fatores diversificam os projetos e as realizações a partir do exemplo de um modelo estrangeiro: as concepções pedagógicas pessoais de um fundador, o empenho do Estado, de uma Igreja, de uma congregação. A história europeia da pré-escolarização não pode desprezar os múltiplos intermediários – mundanos, confessionais, associativos, políticos, editoriais, profissionais – que permitem conhecer, para além das fronteiras, as teorias e as experiências. Mas seu objetivo principal continua sendo o estudo dos projetos e, mais ainda, das aplicações em contextos nacionais marcados por evoluções demográficas, econômicas, sociais, culturais e políticas específicas. Ela deve ultrapassar o simples quadro da circulação internacional das idéias pedagógicas e das filiações.

Palavras-chave: Jean-Nöel LUC: A difusão dos modelos de pré-escolarização na Europa na primeira metade do século XIX.

Abstract

From the 1820s to the middle of the nineteenth century, the “infant school” served as a general source of inspiration in Europe, since it offered solutions to the practical and pedagogical problems encountered by those who promoted a new kind of schooling for the very young. Yet, despite the prevalence of this model, many factors contributed to diversify both projects and actual institutions at the national, regional or even local level – such as the existence of a school pre-dating the introduction of a foreign model, a founder's own pedagogical conceptions, or the intervention of the State, of a Church or of a congregation. A European history of pre-school education must not understanding roles played by social, confessional, agents, political, editorial, professional responsible for the circulation of theories and experiences beyond frontiers. Its main objective, however, remains the study of actual projects and of the ways they were carried out in national contexts characterized by specific demographic, economic, social, cultural and political evolutions. This history must go beyond a mere description of the international circulation of pedagogical ideas and of their sources of inspiration.

Key-words: Jean-Nöel LUC: The circulation of pre-school education models in Europe in the first half of the nineteenth century.

¹ Professor de História Contemporânea
Universidade de Paris-Sorbone

Não desanime, cara amiga, as melhorias serão lentas. O bem físico se produzirá pelo menos e, pouco a pouco, os progressos públicos religiosos e morais. Eu lhe digo isso, pois tive também meus temores, meus pesares quase de ter agido, explica a 5 de dezembro de 1835, a fundadora da scuola infantile de Pisa à Sra. Mallet, secretária da comissão dos abrigos infantis de Paris. Eu lhe agradeço sua acolhida e sua ajuda para a visita aos abrigos. Nós temos quatro abrigos infantis em Copenhague, todos segundo o modelo dos de Paris, escreve à mesma destinatária o pastor dinamarquês G. Schaamp, dois anos mais tarde⁽¹⁾. Essas palavras de encorajamento ou de gratidão mostram os laços pessoais que certos pioneiros da pré-escolarização mantiveram além das fronteiras. Em maior escala, a publicação de uma obra – tal a de Samuel Wilderspin, o diretor de uma das primeira infant school londrinas – podia fazer conhecer uma instituição ou um método em vários países. As modalidades e as conseqüências desses intercâmbios internacionais apresentam um interesse particular na época heróica das primeira escolas infantis institucionais.⁽²⁾

A influência do modelo da “Infant School”

Várias publicações permitem aos franceses atentos às experiências inglesas, informar-se rapidamente sobre a *infant school* aberta em New Lanark, em 1816, por Robert Owen, e depois sobre os estabelecimentos similares criados em Londres. A partir de 1819, Alexandre de Laborde, co-fundador da *Sociedade para a instrução elementar* e grande partidário do *monitorial system*, traduz *Mensagem aos habitantes de New Lanark*, de Robert Owen⁽³⁾. Em 1821, André Laffon de Ladebat, co-fundador da *Sociedade da moral cristã*, traduz o testemunho do Dr. Henry Grey Mac-Nab sobre a obra social de Owen⁽⁴⁾.

Este artigo foi publicado em Jean-Noël Luc (dir.), *A escola maternal na Europa nos séculos XIX e XX, n.º especial, A história da Educação, 82*,

Cartas à Sra. Mallet de Mathilde Calandrini (5 de dezembro de 1835) e de G. Schaamp (14 de setembro de 1837), Museu Social (ao qual enviamos, de uma vez por todas, a correspondência da Sra. Mallet).

⁽²⁾ a fundação dessas escolas é lembrada no começo da introdução desse número. A difusão muito limitada dos documentos do Grupo internacional de trabalho sobre a história da educação da primeira infância (ver p. XXX) permitiu-nos utilizar, para a redação deste artigo, a seguinte obra: *History of International Relations in Early Childhood Education Conference papers introduced at the 7th meeting of the international Standing Working Group for the History or Early Childhood Education within the ISCHE* (História das relações internacionais na educação da primeira infância. Documentos apresentados no 7º encontro do Grupo de Trabalho Permanente Internacional para a História da educação da primeira infância no ISCHE”, editado por Vera Misurcova e Jaroslav Kota, Praga, Karolinum, 1991, 197 p.)

⁽³⁾ R. Owen, *Instituição para melhorar o caráter moral do povo ou mensagem aos habitantes de New Lanark*, traduzido por conde de Laborde, Paris, Colas, 1819.

⁽⁴⁾ H. Grey Mac-Nab, *Exame imparcial das novas idéias de R. Owen e de seus estabelecimentos em New Lanark*, traduzido por A. Laffon de Ladebat, Paris, Treuttel e Würtz, 1821, 252 p.

maio de 1999, pág. 189-206. Ele é traduzido com a aquiescência do autor e a amável autorização de Pierre Caspard, diretor do Serviço de História da Educação (INRP – Paris).

Em 1823, Marc-Antoine Jullien, co-fundador das duas sociedades já citadas, conta sua descoberta da escol e da classe infantil de New Lanark na *Revista Enciclopédica*⁽⁵⁾.

Quando visita as *infant schools* de Londres, durante o inverno de 1824, Joseph-Marie de Gérando, secretário da *Sociedade para instrução elementar*, conhece todos esses textos, escritos por outros, filantropos. Após seu retorno, ele propõe em vão, ao Conselho dos Asilos, fundar estabelecimentos similares em Paris. Sem desanimar, ele continua a elogiar as escolas infantis inglesas, que o jornal da *Sociedade para a instrução elementar* já havia apontado alguns meses antes, publicando uma circular da *Infant School Society*⁽⁷⁾. Em abril de 1825, no decorrer de um sarau em casa do banqueiro protestante Benjamim Delessert, uma grande figura da filantropia parisiense, Gérando, fala das *infant schools* a vários convidados, entre os quais a Sra. Jules Mallet, que se entusiasma por essa instituição. Após ter lido os manuais trazidos por Gérando, entre os quais o de Wilderspin, a Sra. Mallet reuniu várias de suas amigas em uma Comissão das Senhoras que abre o primeiro abrigo infantil francês no decorrer do verão de 1826. Alguns meses mais tarde, Jean-Denys Cochin, católico influenciado pelos princípios dos filantropos, funda uma segunda instituição de crianças pequenas na mais pobre cidade satélite da capital, da qual ele é prefeito.⁽⁸⁾

O modelo inglês permanece presente em torno do berço do abrigo infantil, do qual certos dirigentes vão procurar, em Londres, uma solução para a disfunção pedagógica dos primeiros estabelecimentos, depois, informações complementares. Durante o verão de 1827, Eugénie Millet, interessada pelo projeto de Jean-Denys Cochin, e o próprio magistrado parisiense, partem para visitar *infant schools* e consultar seus manuais. De volta a Paris, a Sra. Millet é encarregada de organizar os novos abrigos da Comissão das Senhoras, irá, também, à Grã-Bretanha, de onde trará obras, quadros e imagens didáticas. A publicação, em 1828, do testemunho de Eugénie Millet e do de Charles de Lasteyrie, filantropo também presente em

(5) M.-A. Jullen, *Informações sobre a colônia industrial de New Lanark*, revista *Enciclopédica*, XVIII, abril de 1823, ou Paris, Plassan, s.d., 20 p.

(7) *Jornal de Educação*, julho de 1924, pág. 206-210. Sobre o papel de informante dessa associação junto ao público francês, ver P. Gerbod, *A Sociedade para a instrução elementar e a difusão do modelo educativo britânico na França, de 1815 a 1848. A informação histórica*, 57-1, 1995, pág. 32-36

(8) sobre o surgimento do abrigo infantil na França, ver. J.-N. Luc, *A invenção da criança no século XIX. Do abrigo infantil à escola maternal*, Paris, Berlin, 1997, pág. 17-20.

Londres, no ano anterior, informa um pouco mais o público francês sobre as experiências britânicas⁽⁹⁾. A influência da *infant school* transparece ainda nos dois primeiros manuais dos abrigos infantis, respectivamente publicados, em 1833, por Jean-Denys Cochin e Amélie de Champlouis, co-fundadora da Comissão das Senhoras com sua tia, a Sra. Mallet⁽¹⁰⁾.

Mesmo se esses autores quase não indicam suas fontes inglesas, em particular para não melindrar a Igreja Católica, basta comparar suas obras e as de Wilderspin ou de Thomas Pole⁽¹²⁾ para verificar que elas conhecem a literatura de Além-Mancha. O *Amigo de Infância*, o jornal das escolas maternas, prossegue a obra a partir de 1835, publicando vários artigos, dos quais voltaremos a falar, sobre a história e o funcionamento das escolas infantis inglesas.

Nas regiões alemãs, diferentemente do que se passa na França, a influência inglesa quase que toma um só caminho: o do manual de Wilderspin, cuja terceira edição é traduzida, em 1826, pelo negociante vienense Foseph Wertheimer. Ex-estudante da Universidade de Viena, esse jovem filantropo judeu interessa-se pelas questões de educação. Ele traduz a obra inglesa – acrescentando-lhe trechos de outros manuais e observações, que Acabam por duplicar sua extensão – para mostrar o papel social das escolas infantis e fornecer às mestras conselhos e exemplos de aulas⁽¹³⁾. Em seus comentários, ele salienta a utilidade de uma educação coletiva antecipada para melhorar a produtividade e as condições de vida das classes trabalhadoras, ensinando-lhes a satisfação com seu estado (suas condições). Reeditado dois anos depois de seu aparecimento, o livro de Wilderspin-Wertheimer suscita um vasto debate sobre a guarda educacional pública das crianças pequenas. Ele populariza a idéia de uma associação entre a educação precoce e a assistência. Ele prende a atenção de vários membros das classes dirigentes, preocupados com a agitação popular. Ele se torna rapidamente *uma espécie de manual oficial*, constata Günter Erning, que aí vê a *certidão de nascimento da educação pública das crianças pequenas* na Alemanha. A partir de 1827, por exemplo, o governo prussiano decide abrir as primeiras *Kleinkinderschulen* (escolas para pequeninos) segundo o

⁽⁹⁾ E. Millet, *observações sobre o sistema das escolas na Inglaterra...*, Paris, Servier, 1828, 18 p. O texto de Lasteiryre apareceu, primeiramente, sob a forma de artigos, entre maio de 1828 e julho de 1829, no *Jornal de Educação e de Instrução das pessoas dos dois sexos*.

⁽¹⁰⁾ J.-D. Cochin, *Manual dos fundadores e dos diretores das primeiras escolas da infância...*, Paris, Delalain, 1833, 51 p., escrito, mas não assinado, pela Sra. De Champlouis.

⁽¹²⁾ S. Wilderspin, *Infant Education or Practical Remarks on the Importance of Educating the Infant Poor from the age of 18 months to 7 years (Educação infantil e Observações práticas sobre a importância de educar a criança pobre desde a idade de 18 meses a sete anos)*, Londres, Simpkin, 1823, 288 p. e Th. Pole, *Observações relativas às "infant schools"*, Bristol Goyder, 1823, 83 p.

⁽¹³⁾ *Über die Fuyühzeitige Erziehung der Kinder und die Englischen Klein-Kinder-Schulen (Sobre a educação das crianças e sobre as escolas infantis inglesas)*. A obra contém 140 páginas na edição de 1826, e 250 páginas na de 1838, enquanto que o texto original de Wilderspin apresenta somente 120 páginas.

modelo inglês. Em 1832, Wertheimer publica uma outra obra – um guia prático para as escolas infantis – que se inspira, mais uma vez, no manual de Wilderspin, do qual aparece uma outra tradução em Berlim, em 1838. A frequência da *infant school* diminui logo depois, consideravelmente, após a fundação de um instituto de formação de mestras de crianças por Foelsing, em 1844, e diante da difusão dos escritores de Fliedner, de Wirth e, principalmente, de Froebel ⁽¹⁴⁾.

A influência do livro de Wilderspin-Wertheimer estende-se para além do mundo germânico propriamente dito. Seduzida pela instituição que atende aos pequeninos, a condensa Thérèse Brunswick, que já havia visitado o instituto de Pestalozzi em Yverdon, dirige-se a Londres para descobrir as *infants schools*. Em seu retorno, ela estabelece em buda, em 1828, e segundo o modelo inglês, a primeira escola infantil húngara, chamada, *O Jardim do Anjos*. Na mesma época, Lajos Kosouth tenta sem sucesso mandar publicar sua tradução da obra de Wilderspin em magiar. Apesar desse fracasso e da ausência de subvenções, a *Sociedade das escolas infantis*, criada em 1836 pela Sra. Brunswick, abre cerca de vinte estabelecimentos inspirados pela *infant school* ⁽¹⁵⁾.

O exemplo inglês e a mediação de Joseph Wertheimer se encontram ainda, pelo menos em parte, na origem da primeira *scuola infantile*, aberta em Cremona pelo abade Ferrante Aporti em 1828. O tradutor alemão enviara sua obra ao padre italiano, o qual conhecera, alguns anos antes, durante os cursos de pedagogia da Universidade de Viena. Em uma carta tardia de agradecimentos, Aporti explica-lhe que encontrou em seu livro a idéia e o método do estabelecimento de Cremona. A historiografia italiana confirmou, durante muito tempo, sem hesitação, essa filiação, lembrando as numerosas recorrências do manual Aporti, publicado em 1833, à obra anglo-alemã. ⁽¹⁶⁾ No primeiro livro que surgiu, em outubro passado, sobre o pedagogo lombardo, Cristina Sideri salienta, ao contrário, a presença, em sua biblioteca, de várias publicações sobre as experiências européias, como os testemunhos, já citados, de Eugénie Millet de Lasteyrie sobre *as Infant schools* e os abrigos infantis ⁽¹⁷⁾. Mas seja qual for a primeira inspiração de

⁽¹⁴⁾ Ph. McCann, F. A. Young, *Samuel Wilderspin and the Infant School Movement*, (Wilderspin e o movimento das escolas infantis), Londres, Croom Helm, 1982, pág. 138-140; G. Erning, K. Neumann, Jürgen Reyer (dir.), *Geschichte des Kindergartens*, (*História dos Jardins de Infância*) Fribourg, Lambertus, 1986, pág. 24-28

⁽¹⁵⁾ Ph. McCann, F. A. Young, op. Cit., p. 141

⁽¹⁶⁾ A. Gambaro, *il primo asilo infantile in Italia (O primeiro abrigo infantil na Itália)*, "Il Saggiatore", janeiro-março de 1954, pág. 60-68; E. Catarsi e G. Genovesi, *L'infanzia a scuola (A infância na escola)*. Bergamo, Juvenilia, 1985, p. 16

⁽¹⁷⁾ C. Sideri, *Ferrante Aporti, Sacerdote, italiano, educatore*, Milão, Franco Argeli Storia, 1999, p. 269 (agradeço a Marie-Medeleine comperá por sua tradução de certas passagens desse livro)

Aporti, pode-se considerar que o exemplo do estrangeiro desempenhou um papel importante em sua iniciativa ⁽¹⁸⁾.

Na Espanha, o nascimento mais tardio das *escuelas de parvulos* insere-se no mesmo cenário que o dos abrigos infantis, a saber, a importação pelos mediadores nacionais, de um modelo estrangeiro que eles observaram diretamente. Em 1831, o ex-diplomata Don Juan Bautista Virio, residente em Viena, e que viu funcionar várias escolas infantis na Inglaterra e em outros países da Europa, faz uma doação ao governo espanhol para que ele crie instituições similares. Sua tentativa não teve êxito, pois as autoridades preferem utilizar o dinheiro para outras finalidades. A segunda iniciativa é a do médico Pablo Montesino, que volta, em 1833, de um exílio de onze anos na Inglaterra, onde se refugiara para escapar havia visitado *infant schools* e lido vários escritos pedagógicos, entre outros os da *Home and colonial Infant school Society*. Em seu retorno, ele se torna propagandista das experiências inglesas e do pensamento de Pestalozzi. Ouvido nos meios oficiais, ele é nomeado para a *Comision central de Instruccion publica*, criada em 1834, e que envia logo depois duas missões de estudos ao estrangeiro para informar-se sobre as escolas infantis voltaria, então, à atualidade graças às conferências de Ramon de la Sagra, um ex-deputado amigo de Proudhon, que havia visitado diversos estabelecimentos escolares no estrangeiro ⁽¹⁹⁾. A nova *Sociedad para propagar y merojar la educacion del Pueblo* (sociedade para a propagação e o aperfeiçoamento da educação do povo) encarrega Montesino de criar instituições similares, cujo financiamento ela garante. O ex-emigrado publica também obras sobre a educação familiar e coletiva da criança, nas quais, ele reconhece sua dívida para com o país que o acolheu. Seu *Manual para los maestros de escuelas de parvulos* (Manual para os mestres das escolas de crianças pequenas), surgido em 1840, refere-se explicitamente às *infant schools*, cuja história ele resume. Seu livro para as crianças, *Las noches de un emigrado* (As noites de um exilado) extrai certos textos de obras inglesas. As *Lecciones sobre objetos* (Aulas sobre os objetos) são a tradução de um livro de Charles e de Elizabeth Mayo, com os quais ele partilha o interesse pelos procedimentos de Pestalozzi. Até a chegada do método Froebel na Espanha, no começo dos

⁽¹⁸⁾ Segundo os documentos de Aporti, certos historiadores italianos consideram, entretanto, que a abertura da *scuola infantile* de Cremona, a 15 de novembro de 1828, é o resultado de um projeto surgido no ano anterior. Para saber se Aporti encontrou nas publicações estrangeiras a própria idéia da escola infantil, um primeiro modelo de execução ou um modelo de informação, seria preciso, primeiramente, conhecer as datas dos textos nos quais ele evoca seu projeto e a de sua recepção dos textos de Wertheimer (para a segunda edição), de Eugenie Millet e de Lasteyrie, que surgiram todos em 1828.

⁽¹⁹⁾ R. de la Sagra, *Viagem para a Holanda e a Bélgica tendo em vista a instrução primária, estabelecimentos beneficentes e prisões*, Paris, Bertrand, 1839.

anos 1860, o sistema inspirado em Montesino pela *infant school* permanece como o único modelo de referência das escolas infantis oficiais ⁽²⁰⁾.

Quer-se prosseguir essa pesquisa em outros países? Em bruxelas, saber-se-à que uma exilada inglesa remete, a partir de 1826, às autoridades, um projeto de escola infantil inspirado pelas publicações de Wilderspin e de Pole. Na Suíça, descobrir-se-à que a obra de Edouard Diotati, surgida em 1827, *Algumas reflexões sobre as escolas de crianças*, traz o traço dos intercâmbios epistolares de seu autor com pedagogos ingleses, e que o manual para as *escolas de crianças pequenas*, publicado em 1833 por Jean-Pierre Monod, refere-se a Wilderspin desde as primeira páginas ⁽²¹⁾. O cenário seria sempre o mesmo? Não, pois a difusão de um modelo dominante não constitui o único tipo de relações internacionais em torno da pré-escolarização. Relações de troca existem também, como o mostram as atividades da Sra. Mallet e o interesse do jornal francês *O Amigo da Infância* pelas experiências estrangeiras.

A REDE EUROPÉIA da SRA. JULES MALLET ou o elo que deve unir a corrente

As funções assumidas durante cerca de trinta anos por Émilie Mallet lhe conferem um lugar privilegiado entre os pioneiros do abrigo infantil ⁽²²⁾. Inspiradora, depois secretária, da comissão das Senhoras, que administra os estabelecimentos parisienses até 1836, ela se torna, a seguir, e até 1848, secretária-adjunta da Comissão Superior dos abrigos infantis, nomeada pelo ministério. A partir de 1835, ela colabora regularmente em *O Amigo da Infância*, lançado por Louis Hachette, que já publicou a seleção de contos, a coleção de imagens religiosas comentadas e a obra de reflexão que ela realizou para a nova instituição. Vice-Presidente da Comissão de exame do Sena, ela se ocupa também, a partir de 1846, da organização da escola

⁽²⁰⁾ nossas informações sobre a Espanha provêm, além do artigo de C. comenar Orzaes incluindo nesse número, de L. Esteban Mateo e L. M. Lazaro Lorente, *Infant Schools na Espanha (1838-1882)*, F. Gomez de Castro, *Criação das escolas maternais na Espanha*, J. M. Hernandez Dias, *The Institutionnalisation of Pre-school Education in Western Spain* (A institucionalização da educação pré-escolar na Espanha Ocidental), O. Negrin Fajardo, *Sociedade econômica de amigos da região de Madri e educação pré-escolar no século XIX, Conference papers for the 4th Session of the ISCHE* (Documentos da conferência para a 4^a sessão do ISCHE), Budapeste, Universidade E. O., 1982, t. I. pág. 78-90, 120-126, 130-140, 296-306; J. Ruiz Berrio, *Os jardins de infância na Espanha antes de 1882*, t. 2, pág. 125-134, C. Sanchirdrian Blanco, *Funciones de la escolarizacion de la infancia: Objetivos y creacion de las primeras escuelas de parvulos en Espana* (Funções da escolarização da infância: objetivos de criação das primeiras escolas de pequeninos na Espanha), *História da Educação*, n.º 10, , 1991, pág. 62-86.

⁽²¹⁾ Ver o artigo de M. Depaepe e F. Simon, mais Ph. McCann, F. A. Young, op. Cit. Pág. 142-3 J.-P. Monod, *Nota sobre a escola de crianças estabelecida em Genebra*, Genebra, Sonnant, 1829.

⁽²²⁾ J. -N. Luc, *Sra. Jules Mallet (1794-1856), nascida Émilie Oberkampff, ou os combates da pioneira da escola maternal francesa*, em *Mulheres protestantes nos séculos XIX e XX*, sob a dir. de G. Cadier, *Boletim da Sociedade da história do protestantismo francês*, t. 146, 2000, pág. 15-48.

normal para os abrigos infantis. Suas múltiplas responsabilidades e a rede de relação da alta sociedade protestante permitem-lhe intervir além do quadro nacional. Sua correspondência passiva – da qual se conservou somente uma parte – mostra as relações que certos promotores europeus das escolas infantis institucionais podiam manter com o estrangeiro.

A Sra. Mallet encaminha vários visitantes aos estabelecimentos da capital. Ela acolhe, por exemplo, Frédéric Feddersen, um oficial dinamarquês, desce 1829; depois, no decorrer dos anos seguintes, o pastor dinamarquês Schaamp, de Copenhague, o reverendo Charles Mayo, célebre propagandista do método pestalozziano na Grã-Bretanha, e personalidades italianas⁽²³⁾. A correspondência propicia-lhe um outro meio de diálogo. A Sra. Mallet escreve muito pela causa dos abrigos infantis, inclusive fora da França. Um dia, ela recomenda um visitante à comissão de senhoras de Lausanne. No dia seguinte, aconselha uma pessoa notável de Düsseldorf, que se dirigiu a ela antes de abrir uma escola infantil. Um outro dia, ela escreve ao conselheiro Sender, que mantém a nova instituição na Prússia.

Uma outra vez, ela responde à condessa Thérèse Brunswick, que se esforça em promover as escolas infantis na Hungria⁽²⁴⁾.

É com a Itália que ela mantém as relações epistolares mais freqüentes. Uma protestante suíça, Mathilde Calandrini, cunhada de Marc-Auguste Pictet, ex-inspetor geral da Universidade, está na origem dessa ligação durável. Instalada em Toscana por razões de saúde, ela já fundou em Pisa um abrigo e uma escola mútua de meninas com a ajuda do pedagogo Eurico Mayer, seduzido pelo *monitorial system*, que ele descobriu na Alemanha e na Suíça. A 3 de setembro de 1834, ela toma a iniciativa de escrever à Sra. Mallet, cujo nome ela viu ao lado de um canto publicado no manual de Jean-Denys Cochin, e cuja família tem *relações de negócios* com a sua. Ela lhe conta que já mandou traduzir para o italiano várias publicações relativas às escolas infantis, entre as quais a *Introdução elementar* da Sra. De Champlouis, mas que ela gostaria de adquirir outras obras, cuja lista ela está anexando. Na resposta, a Sra. Mallet propões, à sua correligionária, prolongar seus intercâmbios. A oferta é logo aceita, pois Mathilde Calandrini deseja *colocar em relação filantrópica as escolas italianas com as do resto do continente, e é você*, escreve ela à pioneira parisiense em sua segunda carta – *que eu considero o elo que deve unir a corrente*⁽²⁵⁾. As duas mulheres, nascidas no mesmo ano, e que se

(23) cartas à Sra. Mallet de M. Feddersen de 6 de abril de 1829, de C. Mayo e de G. Schaamp de 14 de setembro de 1837.

(24) Essas informações sobre a correspondência ativa da Sra. Mallet são encontradas nas cartas de seus correspondentes e principalmente as de M. Borcese, de 6 de abril de 1829, G. Schaamp, já citado, Th. Brunswick, de 15 de abril de 1838.

(25) cartas de M. Calandrini de 3 de setembro e de 24 de outubro de 1834.

encontrarão somente me 1844, vão-se corresponder bastante regularmente, escrevendo cada uma até dez cartas por ano. Elas falam de suas respectivas iniciativas, das dificuldades que encontram para organizar e defender as novas escolas infantis, de seus sucessos, de seus fracassos. Elas discutem questões pedagógicas, como a ligação entre a escola infantil e a escola primária. Elas trocam publicações. Desde a metade do ano de 1835, a Sra. Mallet envia também uma ajuda financeira a sua nova amiga, que tem de pagar o aluguel, o equipamento e os quatro salários do abrigo de Pisa com donativos particulares, para evitar a tutela da municipalidade e do clero⁽²⁶⁾.

Por intermédio de Mathilde Calandrini, que comunica a seus amigos italianos tudo o que recebe do estrangeiro, a dirigente francesa entra depressa em relação com certos atores da pré-escolarização institucional na Lombardia e na Toscana. A partir do início do ano de 1835, ela se corresponde, em francês ou em italiano, com o pioneiro de Cremona, o abade de Aporti, os promotores da *scuola infantile* em Florença (o padre Raphael Lambruschini, um liberal engajado no *Risorgimento*, e o conde Pierre Guicciardini, um jovem filantropo) e o fundador do abrigo israelita de Livourne, o negociante Uzielli, um amigo de Guicciardini. Na ocasião, Mathilde Calandrini pede-lhe que envie rapidamente *uma palavra de conforto* aos seus amigos comuns que desanimam, tais como Pierre Guicciardini, no fim do ano de 1835, ou a condessa Brunswick, *que tenta agitar seus lerdos húngaros*⁽²⁷⁾.

Um estreito laço se estabelece entre a Sra. Mallet e o Padre Lambruschini, vítima da censura romana e que compartilha com ela uma concepção aberta da religião cristã. *Sim, Senhora, minha alma compreende a sua, e eu me lisonjeio com o fato de que você compreende a minha*, escreveu-lhe, em março de 1835, antes de lembrar a oposição dos *fariseus* aos seus empreendimentos pedagógicos, *pois eles sentem mesmo que eu prego a religião do Evangelho que não é a deles; e eu lhe asseguro que, a seus olhos, eu não sou menos herético que você. Mas eu sinto que Deus está comigo, e eu vou em frente*. Quando o *Guida dell'Educatore*, lançado por Lambruschini em 1836, viu-se ameaçado de falência no ano seguinte, foi à sua correspondente francesa que o fundador se dirigiu para obter um empréstimo de 600 francos ou uma caução. Podia-se imaginar um banco protestante francês correndo em socorro da empresa editorial de um padre italiano? Os fatos estão aí: o banco Mallet propõe 1000 francos e faz outras ofertas de empréstimos, em particulare da Suíça. Simultaneamente, Émilie

⁽²⁶⁾ Ibid. de 31 de julho de 1835.

⁽²⁷⁾ Ibid. de 5 de dezembro de 1835.

Mallet elogia o novo jornal em *O Amigo da Infância* e convida todos que compreendem o italiano a fazer uma assinatura⁽²⁸⁾

As relações pessoais da Sra. Mallet em diversos países da Europa conduzem-na igualmente a manter o papel de adido de imprensa, de divulgador, de agência de imprensa ou de jornalista. Em resposta às encomendas ou aos pedidos de seus correspondentes, ela manda enviar-lhes pelos editores, ou ela própria lhes envia, manuais dos abrigos infantis, coleções de imagens, quadros didáticos ou revistas impressas. Em 1836, por exemplo, Mathilde Calandrini, que rapidamente compreendeu o devotamento de sua amiga, pede-lhe que mande expedir a Roma, por intermédio da embaixada, uma documentação pedagógica completa que ela destina à princesa Borghése. A Sra. Mallet utiliza também *O Amigo da Infância* para divulgar o modelo francês: em 1835, ela faz assinatura, às suas custas, para dez estrangeiros, entre os quais todos os seus correspondentes italianos, o oficial dinamarquês que ela recebeu em Paris e o Sr. Penchaud, diretor da primeira escola infantil de Lausanne. Essa exportação das publicações francesas resulta às vezes em uma reedição em língua estrangeira. Um ano após o seu aparecimento em Paris, o livro da Sra. Mallet sobre a direção moral do abrigo infantil é publicado em Milão, onde a censura é menos forte que em Pisa, em uma tradução de Lambruschini.

Inversamente, a dirigente francesa recebe uma abundante documentação sobre as *Infant schools*, as *scuole infantili*, as escolas de criancinhas suíças e certos estabelecimentos dos países germânicos. Mas como fazer conhecer os mais importantes desses textos na França e no espaço europeu francófono, senão publicando-os em francês? Mathilde Calandrini aprova vivamente esse projeto, em particular no que concerne ao manual das *scuole infantili* do abade Aporti, que russos e bálticos reclamam, e que um manufactureiro alsaciano, de passagem em Pisa, julga *excelente para fechar a boca dos padres!* A pedido de Émilie Mallet, Ristler aceita publicar dois relatórios de Lambruschini e de Aporti sobre as primeiras *scuole infantili*.

Hachette, em contrapartida, recusa, por razões econômicas, fazer a mesma coisa com um texto de M. Penchaud, o pedagogo de Lausanne, ou com o manual de Aporti, cuja tradução permanecerá como manuscrito nos arquivos da Sra. Mallet⁽³⁰⁾. Finalmente, é sobretudo graças a *O Amigo da Infância* que a pioneira do abrigo infantil retransmite ao público francês as

⁽²⁸⁾ cartas de R. Lambruschini de 8 de março de 1835, 13 de junho e de 9 de setembro de 1857; *Boletim bibliográfico*, A. E. 1837, pág. 156.

⁽³⁰⁾ cartas de M. Calandrini de 28 de março de 1835 e de 8 de março de 1838; *Escolas e abrigos infantis da Itália em 1834*, Paris, Ristler, 1835; cartas de L. Hachette de 7 de novembro de 1835 e de 5 de maio de 1838.

informações que ela recebe sobre as escolas infantis abertas em outros países da Europa.

A CRÔNICA ESTRANGEIRA de “O Amigo da Infância”

A idéia de uma revista das escolas maternais volta a Louis Hachette na época da efervescência pedagógica do começo da Monarquia de Julho⁽³¹⁾. *Um jornal dará publicidade a trabalhos, a idéias, que permaneceriam ocultos, e será um meio regular de estimular a dedicação de muitas pessoas*, escreve ele a 10 de fevereiro de 1835, à secretária da Comissão das Senhoras, de quem ele solicita a *cooperação ativa e regular*⁽³²⁾. Lançado pouco depois, sob a direção de Jean-Denys Cochin e com a colaboração de Émilie Mallet, o jornal aparece a cada dois meses, até que a suspensão das assinaturas oficiais impõe cessar a publicação no fim de 1840.

Durante os seis anos dessa primeira série, *O Amigo da Infância* interessa-se particularmente pelas escolas infantis no estrangeiro, às quais são consagradas 15% das páginas, ou seja, cerca de uma dentre seis. Esse tema ocupa 6,5% das páginas em 1838, cerca de 10% em 1835 e 1840, 14% em 1839, mas perto de 20% em 1836 e o terço em 1837 (com 61 páginas dentre 191), numa época em que as polêmicas em torno do controle do abrigo infantil instigam, talvez, os redatores a procurar os assuntos fora das fronteiras. Os estabelecimentos estrangeiros representam, por outro lado, 27% dos únicos textos militantes (relatórios, cartas, testemunhos, discursos, biografias, relatos), que descrevem ou que celebram a escola infantil.

A evocação de experiências estrangeiras toma muitas formas muito diversas. *O Amigo da Infância* publica documentos do tipo administrativo, tais como a primeira circular da *Infant School Society* (1835), o estatuto da *Sociedade para apoio e propagação das escolas guardiãs* em Bruxelas (1835) e os regulamentos dos abrigos infantis de Verviers (1835) ou de Milão (1840)⁽³³⁾. As normas da instalação e do funcionamento dos estabelecimentos figuram igualmente nas notas bibliográficas relativas às publicações estrangeiras, como o manual de Wilderspin (1835) ou um impresso sobre a situação dos *asili infantili* de Milão (1839)⁽³⁴⁾.

Pode-se relacionar, a essas duas categorias de documentos, textos diretamente enviados por dirigentes ao jornal ou à Sra. Mallet, como a nota histórica sobre as *infant schools*, redigida por Zachary Macaulay, membro da

(31) o interesse de Louis Hachette pelo ensino pré-escolar é bem analisado na recente obra de Jean-Yves Mollier, *Louis Hachette*, Paris, Fayard, 1999, pág. 201-205.

(32) carta de L. Hachette de 10 de fevereiro de 1835.

(33) A.E. 1835, pág. 76, 129, 180 e 1840, pág. 308.

(34) *Sobre a educação da primeira infância por Wilderspin*, A.E. 1835, pág. 125-127; *Sobre o estado dos abrigos de caridade para a infância em Milão...*, 1829, pág. 192

primeira comissão fundadora (1835), o relatório anual da Sociedade dos abrigos infantis de Boston (1835), os relatórios das comissões das escolas de pequeninos de Genebra e de Lausanne (1836), o relatório do conde Guicciardini sobre a fundação da primeira escola infantil em Florença (1837)⁽³⁵⁾. No meio do ano de 1835, a Sra. Mallet utiliza o conjunto da documentação de que ela dispõe para esboçar um quadro sucinto da escola infantil na Europa, com longos detalhamentos sobre a Grã-Bretanha e a Itália⁽³⁶⁾.

Ao lado desses documentos, que apresentam o ponto de vista dos teóricos e dos fundadores, *O Amigo da Infância* mostra as observações de várias testemunhas, às vezes responsáveis também por novas escolas infantis em seu próprio país. As *infant schools*, presume-se, são um dos temas favoritos. O jornal publica, entre outros, um relato do livro redigido pela Sra. Eugénie Millet após sua estada em Londres (1835), cartas, não assinadas, sobre o funcionamento da *infant school* modelo de Glasgow ou da de Chelsea, dirigida por M. Bilby, autor de um manual célebre (1836), ou um trecho de um relatório de Eugéne Berger, inspetor das escolas, sobre as sociedades da educação da Inglaterra (1839)⁽³⁷⁾. Certos observadores apresentam testemunhos sobre vários países. Um filantropo francês, M. Capplet, ex-manufatureiro e conselheiro municipal de Elbeuf, é um dos informantes privilegiados do jornal, às qual ele envia notas sobre os estabelecimentos que ele visitou na Itália, onde ele pleiteou a causa dos abrigos infantis diante do papa em pessoa, na Suíça, na Alemanha e na Bélgica⁽³⁸⁾. *O Amigo da Infância* utiliza também descrições detalhadas das escolas guardiãs da Bélgica e da Holanda, da investigação de Ramon de la Sagra, o filantropo espanhol do qual ressaltamos as intervenções em favor da *escuela de parvulos*⁽³⁹⁾.

A Sra. Mallet gostaria de ter feito mais, e publicado a tradução das páginas mais interessantes do *Guida dell' Educatore*, o jornal do abade de Lambruschini⁽⁴⁰⁾. Hachette e Cochin temeram desagradar os leitores franceses insistindo demais sobre as realizações estrangeiras? Pode-se supor, pois o projeto não continuou. Os estrangeiros francófonos, em

⁽³⁵⁾ Z. Macaulay *Nota histórica sobre a origem e os progressos das INFANT SCHOOLS*, A.E., 1835, pág. 175-180

⁽³⁶⁾ *Nota histórica...*, A.E., 1835, pág. 145-154

⁽³⁷⁾ *Observações sobre o sistema das escolas da Inglaterra...*, A.E., 1835, pág. 127; *Cartas sobre o abrigo de Chelsea e Carta sobre a INFANT SCHOOL modelo de Glasgow*, 1836, pág. 252-254 e 375-379; *Inglaterra...*, 1839, pág. 87-93.

⁽³⁸⁾ Sobre os testemunhos de M. Capplet, ver A.E., 1838, pág. 337-339, 1839, pág. 153-155, 1840, pág. 306-319.

⁽³⁹⁾ A.E., 1839, pág. 76-83 e 84-87

⁽⁴⁰⁾ *boletim bibliográfico*, A.E., 1837, p. 158

compensação, apreciam sempre a crônica dos estabelecimentos europeus, que evoca, na ocasião, suas próprias iniciativas.

A gente ficou lisonjeado aqui, escreve, em agosto de 1835, o conde de Guicciardini à Sra. Mallet, que havia consagrado às realizações italianas uma longa exposição elogiosa em sua nota histórica ⁽⁴¹⁾. Mas os partidários mais convictos dos intercâmbios internacionais podem também mostrar-se exigentes. *O Amigo da Infância* me interessa menos, pois ele *se tornou todo francês*, lamenta Mathilde Calandrini, a 29 de outubro de 1836 ⁽⁴²⁾, não sem exagero aliás, pois que, se o número de maio fica efetivamente mudo sobre os estabelecimentos estrangeiros, os números de janeiro, março e julho concedem-lhes pelo menos, 22% das páginas.

Na realidade, é no decorrer dos períodos seguintes que a curiosidade de *O Amigo da Infância* pelas experiências estrangeiras diminuiu verdadeiramente. A segunda série (1846-1847) consagra-lhes somente 5% das páginas, e a terceira série (1854-1869), ainda 5% até 1859 (graças ao debate em torno do Froebel antes do aparecimento de um novo regulamento), depois 0,5% de 1859 a 1869. A evolução do contexto e do jornal explica esse recuo. Os anos de 1835 a 1840 pertencem à época heróica do abrigo infantil, no decorrer da qual os pioneiros procuram demonstrar suas vantagens aos fundadores potenciais, que são os benfeitores e os dirigentes locais. As realizações do estrangeiro são um argumento suplementar num discurso de propaganda que ocupa, então, perto da metade das páginas. A partir do fim dos anos 1840, a situação muda e, com ela, o vigor do jornal. A institucionalização do abrigo infantil sob a tutela da administração e a intervenção, cada vez mais massiva, das congregações relegam a segundo plano o antigo discurso militante, reduzindo a 20% das páginas entre 1859 e 1869. Daí em diante, a exaltação das iniciativas estrangeiras não é mais atual e só a chegada na França do método Froebel aumenta momentaneamente a curiosidade do jornal. Essa evolução de *O Amigo da Infância*, atrai a atenção sobre os limites – aqui, cronológicos – do interesse pelos modelos estrangeiros de pré-escolarização.

Da Circulação Internacional das Idéias Pedagógicas às Práticas Nacionais de Pré-Escolarização

Todos os detalhes que você quiser comunicar-me serão recebidos aqui com interesse e utilidade, afirma Mathilde Calandrini à Sra. Mallet, a

⁽⁴¹⁾ Carta à Sra. Mallet de 10 de agosto de 1835 e *Nota histórica*, A.E., 1835, pág. 148-150

⁽⁴²⁾ Carta à Sra. Mallet de 29 de outubro de 1826

28 de janeiro de 1835⁽⁴³⁾. Compreender-se-ia mal essa sede de informações se esquecesse da grande novidade da guarda educativa geral dos pequeninos. Qualquer que seja o país, a primeira geração dos fundadores reúne pioneiros engajados em várias frentes. Os homens e as mulheres que abrem as primeiras escolas infantis institucionais devem superar, ao mesmo tempo, a concorrência dos jardins-escola (creches) e das escolas primárias, onde certos pais colocam tradicionalmente os pequeninos, a oposição freqüente da Igreja Católica, apegada ao princípio da primeira educação maternal, e a inércia dos outros notáveis ou das autoridades, reservados em relação a uma nova fonte de despesas. Nesse contexto, o conhecimento das iniciativas estrangeiras é útil em vários níveis. Ele determina a tomada de consciência ou a passagem à ação. Ele reconforta os promotores isolados.

Ele revela aos indiferentes o engajamento de certas personalidades. Acima de tudo, ele apresenta exemplos de organização, de disciplina, de material pedagógico e de aulas.

A pequena escola institucional não se contenta em imitar a grande, que inicia, às vezes seus alunos menores na leitura e até mesmo na escrita. Ela pretende adaptar as primeiras aprendizagens dos *três* rudimentos às capacidades particulares das crianças e oferecer-lhes, além disso, atividades físicas, cantos e palestras religiosas e científicas, que não existem na maioria das creches e pequenas classes das escolas primárias. Mas os fundadores dos novos estabelecimentos não são capazes de improvisar esses ensinamentos e, às vezes mesmo, de imaginá-los. Na época das primeiras criações, é muitas vezes em um método, uma coleção de imagens ou de cantos. O sistema da *infant school* não tem o aspecto de modelo dominante somente por causa de sua anterioridade e da curiosidade da Europa pós-napoleônica por tudo o que se faz na Inglaterra: ele traz também soluções aos problemas práticos e pedagógicos encontrados pelos promotores da nova guarda educativa das crianças pequenas.

As primeiras escolas infantis européias seriam, então, uma simples cópia do modelo inglês? Não, e por várias razões, algumas das quais constituem novas pistas de pesquisas. A própria noção do *modelo inglês* é demasiado sistemática se se pensar no número dos teóricos e dos autores de manuais. As prioridades e os procedimentos são sempre idênticos em Wilderspin, bem conhecido dos pioneiros parisienses e italianos, Goyder, diretor da *infant school* de Bristol, Stow, o organizador da *infant school* modelo de Glasgow, onde o ensino religioso predomina, Bilby, diretor do abrigo de Chelsea, que utiliza muito o canto, Charles e Elizabeth Mayo, os pedagogos pestalozzianos que influenciaram Pablo Montesino? A noção de modelo original deve ser ainda mais relativizada quando um intermediário,

⁽⁴³⁾ Ibid., 28 de janeiro de 1835.

como Weithermer, acrescenta suas próprias sugestões. A descoberta direta ou indireta da *infant school* também não acarreta, obrigatoriamente, um demarcação exclusiva. Poder-se-ia, mesmo, imaginar o contrário, considerando os silêncios calculados de Jean-Denys Cochin sobre sua documentação inglesa ou a proclamação, por Mathilde Calandrini, da especificidade do manual de Aporti, *composto italiano e fruto da experiência de um eclesiástico lombardo*. Desconfiemos desses procedimentos, cuja função tática transparece nas explicações da pioneira de Pisa à sua correspondente parisiense: *é sob égide do abade Aporti que nós conduzimos nossa tímida empresa, pois os nomes da França e da Inglaterra causam medo, despertam suspeitas*⁽⁴⁴⁾. Mas, se essa estratégia não deve disfarçar as cópias de modelos estrangeiros, ela não deve também fazer esquecer as particularidades das escolas infantis abertas nos diferentes países.

Uma instituição ou um método vindos do estrangeiro, ou mesmo de uma outra região, devem mais ou menos harmonizar-se com a sociedade que os acolhe. Muitos fatores pesam sobre a doação de um projeto educativo em um país, mesmo em uma província ou uma cidade: aqui, as criações anteriores; ali, a rede de informação utilizada (católica, protestante, maçom, liberal, *fourierista*) ou as concepções pedagógicas do fundador; em outro lugar, a intervenção de uma Igreja ou das autoridades centrais, cada vez mais presentes, em certos países, na época da construção dos Estados nações.

Desde então, o interesse por um estabelecimento estrangeiro não exclui as reservas, as críticas e as modificações. Eugénie Millet desaprova os exercícios de leitura da Bíblia ou as aulas de geografia sobre uma esfera, que são praticados em Londres. Jean-Denys Cochin e Amélie de Champlouis rejeitam os castigos corporais, aceitos, em última instância, por Wilderspin. Administradores alemães, proibem às novas escolas infantis antecipar a aprendizagem das noções elementares, reservada à escola primária. Aporti, que não dissocia a educação católica e a formação da criança, atribui à religião um papel pedagógico muito maior que Wilderspin. Mathilde Calandrini lamenta a ausência ou a utilização demasiado reduzida do trabalho manual no abrigo infantil. Giuseppe Sacchi, o promotor das creches e das *scuole infantili* em Milão, compara os estabelecimentos parisienses e estalagens superpovoadas⁽⁴⁵⁾! A mistura de várias fontes de inspiração contribui também para a originalidade do projeto definitivo.

⁽⁴⁴⁾ Ibidem, 24 de outubro de 1834.

⁽⁴⁵⁾ E. Millet, *Observações...*, op. Cit., pág. 12.; *Instrução...*, op. Cit., pág. 34; *Manual...*, op. Cit. Pág. 158; G. Ernigl et alii, op. Cit. Pág. 28; carta à Sra. Mallet de 23 de novembro de 1837; C. Sideri, op. Cit., pág. 281 e 307.

Certas escolas infantis suíças, globalmente fiéis ao sistema inglês, adotam em seguida outros métodos, em particular alemães, para a iniciação à leitura e à escrita⁽⁴⁶⁾. O manula do tcheco Jan Svoboda, *A pequena escola*, traduzido para o polonês (em 1840) e para o dinamarquês, reúne proposições extraídas de Comenius e de Chimani, um dos teóricos dos abrigos vienenses⁽⁴⁷⁾. Os estabelecimentos não são também instituições estáticas, concebidas, de uma vez por todas, por pioneiros em função de um exemplo estrangeiro. Em 1846, portanto, bem antes da chegada do modelo froebeliano, Marie Pape-Carpantier propõe uma outra gestão pedagógica do público do abrigo infantil, menos dependente do mecanismo coletivo que os sistemas da *infant schools* ou de Jean-Denys Cochin, mas mais aberta às relações afetuosas entre o adulto e a criança⁽⁴⁸⁾.

Se se considera agora, além dos objetivos e dos programas, as práticas sociais e pedagógicas das escolas infantis, a impressão de heterogeneidade é ainda mais forte em nível internacional, mas também – nós já o observamos para a França – em nível nacional. Nem todos os países possuem a mesma proporção de estabelecimentos que assumem uma verdadeira missão de assistência graças a horários de abertura adaptados ao trabalho popular, a cuidados médicos e distribuição de alimentos. Nenhum autoriza os homens a trabalhar nas escolas infantis. Nem todos fazem as mesmas escolhas, no que se refere ao quadro e ao conteúdo de ensino. A arquibancada, móvel emblemático das pequenas escolas inglesas e francesas, é às vezes substituída por mesas, associadas a bancos fixos ou móveis. Na Dinamarca, vários dirigentes limitam o número de crianças a setenta e cinco para evitar a superlotação. Na Holanda, certas escolas guardiãs dividem suas crianças, segundo a idade e o nível, em duas, três ou quatro classes, equipadas de mesas.

Na Itália, três características impressionam os visitantes franceses: a separação dos alunos segundo a idade, as distribuições freqüentes de sopa e o lugar importante dos trabalhos manuais⁽⁴⁹⁾.

Esse balanço, demasiado rápido, mostra entretanto os limites de todo raciocínio sistemático em termos de imitação de modelos. O papel incontestável da *infant school* como fonte de inspiração na primeira metade do século XIX não deve disfarçar as identidades das escolas infantis abertas nos outros países. A mesma observação vale para o *kindergarten*, que uma

⁽⁴⁶⁾ Trecho de um relatório sobre a escola de crianças de bairro Saint-Gervais, em Genebra, A.E., 1836, pág. 309

⁽⁴⁷⁾ M. Vera, *150 Years or Institutional Care for Pre-School Children in Czechoslovakia*, (150 anos de cuidado institucional de crianças pré-escolares na Tchecoslováquia) em *Conference papers for the 4th Session of the ISCHE* (Documentos de conferência para a 4^a sessão do ISCHE), op. Cit. Pág. 198.

⁽⁴⁸⁾ J.-N. Luc, *A invenção da criança...*, op. Cit., pág. 198

⁽⁴⁹⁾ A.E., 1839, pág. 77-82 e 154; 1836, pág. 220-222 e 346-352; 1840, pág. 316-319

parte da Europa descobre, em seguida, no decorrer das peregrinações da baronesa de Marenholz-Bülow e na versão muito pessoal dessa discípula de Froebel⁽⁵⁰⁾. A histórica européia da pré-escolarização institucional não pode desprezar os múltiplos intermediários – mundanos, confessionais, associativos, políticos, editoriais, profissionais – que permitem conhecer, para além das fronteiras, as teorias, as experiências e as realizações. Mas seu objetivo principal continua sendo o estudo dos projetos e, mais ainda, das aplicações em contexto nacionais marcados por evoluções demográficas, econômicas, sociais, culturais e políticas específicas. Ela deve ultrapassar o simples quadro da circulação internacional das idéias pedagógicas e das filiações.

⁽⁵⁰⁾ Sobre essa questão, ver, além do artigo de G. Budde, H. Heiland, *Fröbelbewegung und Fröbelforschung. Bedeuten de Persönlichkeiten der Fröbelbewegung im 19 und 20. Jahrhundert (O movimento e a investigação de Fröbel nos séculos 19 e 20)*. Hildesheim, G. Olms, 1992, 214 p. Encontrar-se-ão exemplos de apropriação nacional do método froebeliano na Espanha e na França em: I. Esteban Mateo e L. M. Lazaro Lorente, op. Cit., J. Ruiz Berrio, op. Cit. E. P. Lahoz Abad, *O modelo froebeliano de espaço-escola. Sua introdução na Espanha*, *História da Educação*, n.º 10, 1991, pág. 107-135; J.-N. Luc, *Abrigo infantil contra jardim de infância: as vicissitudes do método Froebel na França (1885-1887)*, *Paedagogia Histórica*, julho de 1993, pág. 433-458.